

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2021

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrááo Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR

Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará

Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ

Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe

Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná

Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz

Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa

Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas

Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo

Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie

Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P974 Psicologia: a ciência do bem-estar / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-760-4

DOI 10.22533/at.ed.604212801

1. Psicologia. I. Ferreira, Ezequiel Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 150

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

A definição de saúde pela Organização Mundial da Saúde se apresenta como um estado de completo bem-estar físico, mental e social. Dentro dessa perspectiva a Psicologia, como uma ciência do psiquismo, se estrutura em torno da ideia de promover, nos mais variados modos de atuação, um estado de saúde a de no indivíduo e na sociedade.

A Coleção *Psicologia: A Ciência do Bem-Estar* conta com 26 artigos nos quais os autores abordam diversas contribuições da Psicologia à saúde mental e social do sujeito humano.

Nos Capítulos 1 ao 4 os autores discorrem a partir da criação freudiana uma análise do superego em personagens cinematográficos; discutem a questão do apagamento da mulher lésbica que a estrutura patriarcal e heteronormativa impõe; abordam a causa de algumas marcas que resultam em sofrimento psíquico como a depressão, a drogadição e a autolesão; e evidenciam o estado da sociedade brasileira tomando o cenário atual do Coronavírus (COVID-19) pela marca do desamparo e negacionismo.

Nos Capítulos 5 ao 7 as práticas do atendimento psicológico são levadas à reflexão. Diante do isolamento, se coloca em questão o atendimento online que apresenta muito desafios, além da própria relação médico-paciente nessa modalidade de telemedicina. Retomando o habitual, tem-se a discussão do diagnóstico numa perspectiva mais humanista.

O social entra em questão nos Capítulos 8 ao 14. As discussões abordam a criminalização e uma espécie de contraviolência dirigida à figura do bandido; a proposta de clínica ampliada como medida social de reintegração à população em situação de rua; a discussão sobre os possíveis efeitos do aborto à saúde mental da mulher; a percepção da adolescência pela família, nas questões de iniciação sexual, autolesão, sobrepeso; as contribuições da psicologia na avaliação quanto ao porte de arma; e o impacto subjetivo do diagnóstico do diabetes *mellitus* gestacional.

Nos Capítulos 15 ao 20 é a infância que é tomada como objeto. As pesquisas vão ao encontro das questões do desenvolvimento humano, desde a possibilidade de reabilitação neuropsicológica em crianças com o Transtorno do Espectro do Autismo; a relação de hierarquia da parentalidade; a importância da ludicidade no desenvolvimento infantil; o manejo dos Transtornos de Neurodesenvolvimento; a relação das crianças na construção do espaço que vivem; e os fatores de risco para o desenvolvimento de Personalidade Antissocial.

Os últimos Capítulos, do 21 ao 26, são agrupados os trabalhos que abordam técnicas e perspectivas para a promoção do bem-estar. Tem-se a Perspectiva Temporal e a Regulação Emocional; o Colóquio Relacional e o Genograma; o trabalho com a resiliência e

o autocuidado; a busca da felicidade pelo autoconhecimento; o aconselhamento psicológico; e o método restaurativo na saúde mental.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE AS DIMENSÕES DO SUPEREU EM TRÊS PERSONALIDADES FÍLMICAS

Débora dos Santos Silva

DOI 10.22533/at.ed.6042128011

CAPÍTULO 2..... 12

PATRIARCADO, HETERONORMATIVIDADE E TABU: O APAGAMENTO SOCIAL DA MULHER LÉSBICA

Ingrid Freitas da Silva

Raquel Lisboa Tinoco Braga

Erika Conceição Gelenske Cunha

DOI 10.22533/at.ed.6042128012

CAPÍTULO 3..... 26

AETIOLOGIA PSÍQUICA DAS FORMAS DE SOFRIMENTO PSÍQUICO CONTEMPORÂNEO: DEPRESSÃO, RECURSO À DROGA E AUTOLESÃO

Claudia Henschel de Lima

Julia da Silva Cunha

Maria Stela Costa Vliese Zichtl Campos

Thalles Cavalcanti dos Santos Mendonça Sampaio

DOI 10.22533/at.ed.6042128013

CAPÍTULO 4..... 39

PSICANÁLISE E POLÍTICA: ANÁLISE DO DESAMPARO E O NEGACIONISMO NO CENÁRIO DO CORONAVÍRUS (COVID-19)

Everaldo dos Santos Mendes

Amanda Marques Pimenta

Alex Junio Duarte Costa

DOI 10.22533/at.ed.6042128014

CAPÍTULO 5..... 56

ATENDIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE: PERSPECTIVAS E DESAFIOS ATUAIS DA PSICOTERAPIA

Adriana Barbosa Ribeiro

Luciane Patrícia Dias da Silva Eliane

Patrícia Ulkovski

DOI 10.22533/at.ed.6042128015

CAPÍTULO 6..... 65

A RELAÇÃO MÉDICO-PACIENTE: PRINCÍPIOS ÉTICOS E SITUAÇÕES-PROBLEMA

Rafael Nogueira Furtado

Isabela Maria Oliveira Souza

DOI 10.22533/at.ed.6042128016

CAPÍTULO 7.....	74
O OLHAR DA GESTALT-TERAPIA SOBRE O DIAGNÓSTICO	
Ana Paula de Souza Ferreira Esquivel	
Renato Martins Ribeiro	
Erika Gelenske	
DOI 10.22533/at.ed.6042128017	
CAPÍTULO 8.....	92
O QUE O ÓDIO AO(À) 'BANDIDO(A)' TEM A DIZER SOBRE A SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	
Gabriela Araújo Fornari	
Sylvia Mara Pires de Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.6042128018	
CAPÍTULO 9.....	103
GRUPO DE APOIO NA CLÍNICA AMPLIADA PARA OS USUÁRIOS DO CENTRO POP	
Karine da Cunha Leou	
Marcos Moraes de Mendonça	
Kelly Cristina Borges da Silva	
Andressa Maria de Oliveira	
Fabiana Cabral Gonçalves	
Meire Perpétua Vieira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.6042128019	
CAPÍTULO 10.....	116
OS POSSÍVEIS EFEITOS DO ABORTO NA SAÚDE MENTAL DA MULHER BRASILEIRA E O PAPEL DA PSICOLOGIA	
Erika Conceição Gelenske Cunha	
Karina Nunes Tavares Martins	
Simone Langanó Figueredo	
DOI 10.22533/at.ed.60421280110	
CAPÍTULO 11.....	127
AVALIAÇÃO PARA CIRURGIA BARIÁTRICA EM ADOLESCENTE COM SOBREPESO	
Fernanda Gonçalves da Silva	
Rosicleide Araujo	
Natália Nunes	
Joice Barbosa	
Joice Reis	
DOI 10.22533/at.ed.60421280111	
CAPÍTULO 12.....	138
A CONTRIBUIÇÃO DO PSICÓLOGO PARA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA AO PORTE E POSSE DE ARMA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Marcela Vieira de Freitas	
Michele Francisca Anteportam dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.60421280112	

CAPÍTULO 13	160
IMPACTO SUBJETIVO DO DIAGNÓSTICO DO DIABETES MELLITUS GESTACIONAL	
Mariana da Silva Pereira Reis	
DOI 10.22533/at.ed.60421280113	
CAPÍTULO 14	184
REABILITAÇÃO NEUROPSICOLÓGICA – TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) COM COMORBIDADE DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL (DI)	
Juliana Corrêa da Silva	
Jessica Layanne Sousa Lima	
Thais de Lima Alves Corrêa	
DOI 10.22533/at.ed.60421280114	
CAPÍTULO 15	197
HIERARQUIA DA PARENTALIDADE E POSSÍVEIS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO PSÍQUICO	
Glauce Fonseca Bragança	
Erika Conceição Gelenske Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.60421280115	
CAPÍTULO 16	210
A IMPORTÂNCIA DO ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO NO TRATAMENTO DE DOENÇAS CRÔNICAS	
Daniele Amarilha Vioto	
Thalia Zadroski	
DOI 10.22533/at.ed.60421280116	
CAPÍTULO 17	214
CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA ESCOLAR E EDUCACIONAL PARA O MANEJO DOS TRANSTORNOS DO NEURODESENVOLVIMENTO	
Rafael Nogueira Furtado	
Juliana Aparecida de Oliveira Camilo	
DOI 10.22533/at.ed.60421280117	
CAPÍTULO 18	221
CRIANÇAS E SUAS INFÂNCIAS: TECENDO EXPERIÊNCIAS NO ESPAÇO DO BAIRRO	
Zuleica Pretto	
Letícia Teles de Sousa Renata	
Políodoro Aguiar	
Tatiane Garceis dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.60421280118	
CAPÍTULO 19	236
“DE QUEM É A CULPA?” FATORES DE RISCOS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL	
Yloma Fernanda de Oliveira Rocha	
Élida da Costa Monção	

Ruth Raquel Soares de Farias
DOI 10.22533/at.ed.60421280119

CAPÍTULO 20.....253

PERSPECTIVA TEMPORAL E REGULAÇÃO EMOCIONAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Carlos Eduardo Nórté
Richard dos Santos Ferreira
Luan Felipe de Sousa Dantas

DOI 10.22533/at.ed.60421280120

CAPÍTULO 21.....263

DO COLÓQUIO RELACIONAL E O GENOGRAMA: INSTRUMENTOS PARA UMA ENTREVISTA CLÍNICA

Emilio-Ricci

DOI 10.22533/at.ed.60421280121

CAPÍTULO 22.....277

RESILIENCIA Y AUTOCUIDADO: MIRADA Y ESTRATEGIA PARA UNA VIDA PLENA

Nestor Reyes Rubio

DOI 10.22533/at.ed.60421280122

CAPÍTULO 23.....281

CONHECE-TE A TI MESMO E SÊ FELIZ!

Carlos Fernando Barboza da Silva

DOI 10.22533/at.ed.60421280123

CAPÍTULO 24.....292

A IMPORTÂNCIA DAS ATIVIDADES LÚDICAS NA FORMAÇÃO HUMANA

Ezequiel Martins Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.60421280124

CAPÍTULO 25.....303

MÉTODO RESTAURATIVO E SAÚDE MENTAL: TEMPO, TOQUE, AFETO E DIÁLOGO EM GRUPOS COM DE FADIGA DE EMPATIA

Miila Derzett
Felipe Brognoli

DOI 10.22533/at.ed.60421280125

SOBRE O ORGANIZADOR.....318

ÍNDICE REMISSIVO.....319

CAPÍTULO 19

“DE QUEM É A CULPA?” FATORES DE RISCOS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE ANTISSOCIAL

Data de aceite: 01/02/2021

Data de submissão: 06/12/2020

Yloma Fernanda de Oliveira Rocha

Faculdade de Ensino Superior do Piauí-FAESPI
Teresina-Piauí
<http://lattes.cnpq.br/4060270504740614>

Élida da Costa Monção

Faculdade de Ensino Superior do Piauí-FAESPI
Teresina-Piauí
<http://lattes.cnpq.br/8896274642667074>

Ruth Raquel Soares de Farias

Faculdade de Ensino Superior do Piauí-FAESPI
Teresina-Piauí
<http://lattes.cnpq.br/7546441925505076>

RESUMO: A literatura aponta como fatores de riscos para o desenvolvimento de Transtorno de Personalidade Antissocial-TPA, variáveis nos aspectos sociais, culturais, familiares, educacionais, biológicos e comunitários, que ameaçam o desenvolvimento saudável na infância e adolescência. Tem-se como objetivo geral: investigar os fatores de riscos da infância e adolescência para o desenvolvimento do Transtorno de Personalidade Antissocial. Elencou-se como objetivos específicos: compreender os comportamentos da infância e adolescência de pessoas com Transtorno de Personalidade Antissocial; verificar se fez uso de tratamentos terapêuticos; descrever o impacto dos fatores de riscos na esfera subjacentes para o desenvolvimento do transtorno de personalidade

antissocial; descrever os fatores de proteção da infância e da adolescência. O método utilizado foi: revisão sistemática, natureza qualitativa, com busca de dados nas bases BVS Psi, Medline (National Library of Medicine), via PubMed, Lilacs (Literatura Latino Americana), artigos, teses, dissertações e livros, publicados entre 2014 a 2020. Assim, os resultados que fizeram parte do escopo dessa revisão foram doze artigos, três livros e uma dissertação, preencheram os critérios de seleção. Os resultados evidenciaram que não é apenas um fator que pré-determina o desenvolvimento do transtorno, mas, a intensidade, tempo, formas, predisposições biológicas e fase em que surgem, são subsídios para o desenvolvimento do Transtorno. As principais conclusões do estudo denotaram que cada sujeito vivencia distintamente situações estressoras, sendo determinado o impacto. Os fatores de proteção buscam ir ao encontro do impacto dos riscos para proporcionar formas de resoluções das vivências diárias, minimizando as possibilidades de desenvolvimento de transtornos.

PALAVRAS-CHAVE: Predisposição, Tratamentos, Terapia, Diagnóstico.

ABSTRACT: The literature points out as risk factors for the development of Antisocial Personality Disorder-TPA, which vary in social, cultural, family, educational, biological and community aspects, which threaten healthy development in childhood and adolescence. The general objective is to investigate the risk factors of childhood and adolescence for the development of Antisocial Personality Disorder. Specific objectives were listed: to understand the

childhood and adolescence behaviors of people with Antisocial Personality Disorder; check if you used therapeutic treatments; describe the impact of risk factors on the underlying sphere for the development of antisocial personality disorder; describe the protective factors of childhood and adolescence. The method used was: systematic review, qualitative in nature, with search for data in the VHL Psi, Medline (National Library of Medicine) databases, via PubMed, Lilacs (Latin American Literature), articles, theses, dissertations and books, published between 2014 to 2020. Thus, the results that were part of the scope of this review were twelve articles, two books and a dissertation, fulfilled the selection criteria. The results showed that it is not just a factor that pre-determines the development of the disorder, but the intensity, time, forms, biological predispositions and stage in which they arise, are subsidies for the development of the disorder. The main conclusions of the study showed that each subject experiences stressful situations distinctly, the impact being determined. The protective factors seek to meet the impact of risks in order to provide ways of resolving daily experiences, minimizing the possibilities of developing disorders.

KEYWORDS: Predisposition, Treatments, Therapy, Diagnosis.

11 INTRODUÇÃO

Fatores de riscos podem ser conceituados como a existência de variáveis populacionais e individuais, envolvendo o comportamento humano ou seus desvios (negligência, abuso ou violência), que poderiam ser intervindas ou observadas anteriormente ao desenvolvimento dos transtornos, em especial o Transtorno de Personalidade Antissocial-TPAS (SZCZERBACKIL, 2012).

Assim, fatores de risco são fatores de natureza biológica (individuais) ou psicossociais, que se relacionam com eventos negativos de vida, incluindo a infância e a adolescência e, quando presentes, aumentam a probabilidade da pessoa apresentar problemas físicos, sociais ou emocionais ameaçando o desenvolvimento saudável do sujeito, em uma fase peculiar (infância e adolescência) para inserção na fase adulta. Dentro do modelo bioecológico, estes fatores são analisados não de forma isolada e independente, mas sim a partir de uma perspectiva, na qual estas questões estão interrelacionadas dentro de cada contexto da vida. Deve ser considerado a forma que o sujeito enfrentará uma situação estressora, do contexto em que aconteceu o fenômeno, a sua rede de apoio, suas características individuais e o momento em que está passando no seu desenvolvimento (POLETTI; KOLLER, 2008).

Ademais, deve-se considerar o tempo, lugar, espaço e intensidade dos fatores de riscos. A não existência de fatores de proteção, intensifica a probabilidade dos sujeitos desenvolverem padrões de conduta deturpados. As condições socioculturais podem ser fatores de riscos desencadeantes para o cometimento de ações transgressoras, como morar e viver em ambientes de conflito familiar, sem perspectiva futura de trabalho (DELLECAVE; BARBOZA, 2018).

Dessa forma, Transtorno de Personalidade Antissocial é caracterizado por anormalidades emocionais e comportamentais. As características mais comuns são: encanto superficial; ausência de delírios e outros sinais de alterações do pensamento, mas com impacto no comportamento; ausência de manifestações “neuróticas”; irresponsabilidade; mentira e falta de sinceridade; falta de remorso ou vergonha; comportamento antissocial sem constrangimento aparente; senso crítico falho e deficiência na capacidade de aprender pela experiência. Egocentrismo patológico e incapacidade de amar; pobreza geral de reações afetivas; indiferença em relações interpessoais gerais; dificuldade em seguir qualquer plano de vida. Esses indivíduos geralmente não temem a punição e caracterizam um grupo de jovens com um potencial grave para o padrão de comportamento violento (VASCONCELLOS, 2014).

Portanto, com base no exposto, para se fechar o diagnóstico, inúmeros são os critérios, entre eles o uso de escalas para mensurar os riscos de psicopatia, que podem variar de acordo com o local de aplicação e do nível sociocultural dos indivíduos. Ademais, observam-se fatores ambientais nos estudos, que podem, se configurar como fatores de riscos e de proteção e que poderiam sofrer influência de ações preventivas quando devidamente identificadas e abordadas, como seria o exemplo de terapias. Dentre fatores ambientais de riscos, pode-se destacar um ambiente familiar violento, negligência parental, abuso emocional e físico, abuso de substâncias por parte dos pais, influência de grupos escolares e da comunidade (CHALUB, 2015).

Nesse íterim, a possibilidade de prevenir doenças mentais ainda é limitada devido às próprias dificuldades conceituais e etiológicas, envolvendo os diagnósticos psiquiátricos e sua estabilidade ao longo dos anos. Para os transtornos de personalidade, os estudos observam principalmente uma maior estabilidade dos traços do que do diagnóstico em si ao longo do tempo, haja vista que é um diagnóstico que necessita de análise clínica embasada em distintos tipos de testes (MECLER, 2015). Na prática, acerca de estudos de casos e leituras, sabe-se que muitos delitos e/ou crimes são cometidos por pessoas que possuem tal diagnóstico, não querendo minimizar as causas e nem tampouco justificá-las por meio de diagnósticos ou laudos. Estudar os fatores de risco para o estabelecimento do diagnóstico é conhecer o contexto sob uma égide mais real, despertando senso crítico, abandonando senso comum acerca do tratamento para com o sujeito com transtorno. Assim, vislumbra-se a complexidade sobre fatores de riscos, podendo subsidiar reflexões acerca de intervenções para maximização dos fatores de proteção.

Sob essa perspectiva, o estudo subsidia para a sociedade, em especial no âmbito clínico, a preocupação acerca dos cuidados para com os fatores de proteção durante a infância e a adolescência, em que esses devem superar os fatores de riscos, bem como sua intensidade e formas de permanência que proporcionam impacto no desenvolvimento de transtornos de comportamento e de personalidade. Vale ressaltar que o estudo não

evidencia fatores de risco apenas subjacentes a questões sociais, mas todas as esferas que corroboram o sujeito como biopsicossocial.

Espera-se, assim, que a presente pesquisa contribua à literatura que trata acerca dos transtornos de personalidade, em especial o Antissocial, bem como esclarecendo indagações que permeiam esse contexto dotado de distorções sociais. Vale ressaltar ainda a contribuição acerca da produção de informações sobre a problemática no sistema prisional e o tratamento para com a referida demanda, e a elaboração, implementação de Políticas Públicas necessárias ao atendimento desse segmento social.

Com base no exposto, o estudo teve como objetivo geral: Investigar os fatores de risco da infância e adolescência para o desenvolvimento do Transtorno de Personalidade Antissocial. Elencou-se como objetivos específicos: compreender os comportamentos da infância e adolescência de pessoas com Transtorno de Personalidade Antissocial; verificar se fez uso de tratamentos terapêuticos durante a vida; descrever o impacto dos fatores de riscos na esfera subjacentes para o desenvolvimento do transtorno de personalidade antissocial; descrever os fatores de proteção da infância e da adolescência.

Ademais, o estudo visou discutir os comportamentos e as variáveis envolvidas, com base na literatura prévia, com enfoque na infância e adolescência, atentando para pontos sociais que influenciam no processo de fechamento de diagnóstico do Transtorno de Personalidade Antissocial.

2 | MÉTODO

O referido estudo é do tipo revisão sistemática, descritiva, que, justifica-se pela natureza qualitativa, que se embasa em uma análise reflexiva, crítica e compreensiva acerca dos materiais coletados, que fazem uso de dados qualitativos. Sob esse prisma, a metodologia acerca da revisão sistemática foi escolhida pelo fato de se minimizar os distintos vieses presentes em uma pesquisa, haja vista que a revisão sistemática minimiza “o viés acerca da tendência de supervalorizar estudos que estejam de acordo com nossas hipóteses iniciais e ignorar estudos que apontem para outras perspectivas” (KOLER *et al.*, 2014, p. 56).

Nesse sentido, para uma melhor organização da pesquisa, dividiu-se em oito etapas fundamentadas conforme Akobeng (2014): a primeira etapa constituiu-se por delimitação do tema, por ordem de afinidade de estudos e não incipiência de literatura. Já a segunda etapa foi formada pela escolha das fontes de dados que foram: BVS Psi, Medline (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) via PubMed, Lilacs (Literatura LatinoAmericana e do Caribe em Ciências da Saúde), dissertações, teses e livros. A terceira etapa foi a eleição das palavras-chave como descritores para a busca, que foram fatores de risco, fatores de proteção, transtornos, personalidade, antissocial, tratamentos. No que tange a quarta etapa foi realizado a busca e armazenamento dos resultados da terceira etapa, utilizando-se o

Mendeley para armazenar os resultados encontrados. A quinta etapa foi substanciada pela seleção de livros, artigos pelo resumo, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. Assim, os critérios de inclusão estabelecidos foram artigos, teses, livros, dissertações acerca do tema, publicados entre 2014 a 2020. O período delimitado para esse estudo foi com o objetivo de abranger dados e produções mais atualizadas, considerando novas pesquisas acerca do tema e utilizando-se palavras chaves ou descritores aqui elencados. Vale ressaltar que foram considerados estudos de anos anteriores no que tange teorias promulgadas. Com relação aos critérios de exclusão, foram de pesquisas duplicadas e que não correspondem aos critérios de inclusão.

Na sexta etapa realizou-se a extração dos dados dos artigos selecionados, com base nos objetivos da pesquisa. Já a sétima etapa avaliou-se todos os artigos que foram selecionados para se realizar a síntese e interpretação dos dados, por ordem de semelhança de assuntos congruentes com a pesquisa, configurando a última etapa do presente estudo.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados 34 artigos, com base nos descritores da pesquisa, e publicados nos últimos cinco anos, dos quais doze fizeram parte do escopo dessa revisão. Ademais, 01 dissertação e 03 livros, se adequaram aos critérios de inclusão denotados no referido método, e conforme ilustrado no fluxograma (Figura 01).

Ainda com relação à seleção, ressalta-se a exclusão de contagem acerca da duplicação de publicações. A maioria dos estudos apresentaram resultados em que denotaram que os comportamentos antissociais têm sua origem na infância devido a múltiplas variáveis que podem contribuir para a produção desses comportamentos (violência familiar, problemas escolares, neurológicos, entre outros), bem como que está mais presentes em sujeitos do sexo masculino. Essas variáveis são denominadas de fatores de riscos, como já foi apresentado no referido estudo (SILVEIRA, *et al.*2015).

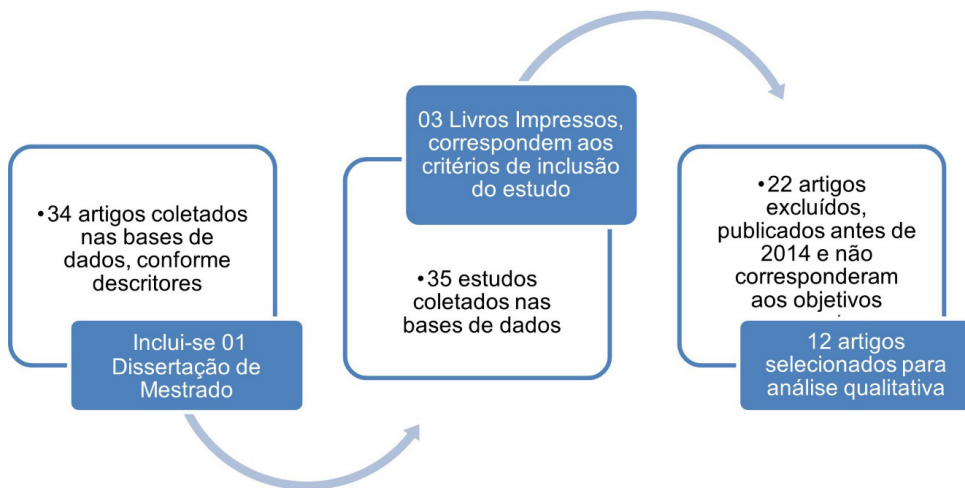


Figura 01: Fluxograma do processo de seleção dos dados para análise conforme critérios de inclusão e exclusão.

Fonte: Próprio Autor, 2020

Após a realização do referido fluxograma, segue uma tabela (Tabela 01) que descreve as relevantes características e os resultados dos estudos revisados. Após seleção, descrição e análises, os conteúdos foram agrupados na formulação de quatro categorias amplas, embasadas nos objetivos do estudo, sendo estas denominadas: 1) Comportamentos na infância e adolescência de sujeitos com Transtorno de Personalidade Antissocial; 2) Tipos de tratamentos realizados na infância e adolescência; 3) Impacto dos fatores de riscos nas esferas subjacentes; 4) Fatores de proteção na infância e adolescência que podem minimizar o desenvolvimento do Transtorno de Personalidade Antissocial. Assim, as referidas categorias denotam o desfecho acerca dos fatores de riscos que subsidiam o desenvolvimento do Transtorno em debate, haja vista que inúmeras são variáveis relacionadas a fatores de riscos.

As categorias foram criadas considerando e dividindo os assuntos tratados durante a pesquisa. Cada categoria foi analisada e dividida em consonância com os objetivos específicos do estudo. Evitou-se categorias amplas, -embora sejam lineares-, haja vista que as referidas perdem a homogeneidade do seu conteúdo, e podem subsidiar análises muito diferentes, perdendo o significado substancial do estudo.

AUTOR	ANO	OBJETIVO	METODOLOGIA	VARIÁVEIS RELACIONADAS
COELHO, I. C., <i>et al.</i>	2020	Caracterizar os fatores de riscos para ocorrência do comportamento antissocial, com diferença entre rapazes e garotas.	Estudo comparativo, com análise de documentos para avaliação de risco precoce de comportamentos antissociais.	Fatores de riscos tendem a se acumular com a idade.
ESTEVES, G.G.L. <i>et al.</i>	2018	Caracterizar fatores de risco, para psicopatia, em detentos brasileiros.	Pesquisa de campo com 48 detentos do sexo masculino, em regime fechado de uma unidade prisional.	Perfil divergente indicando baixa hostilidade, psicopatia primária.
HUBNER, C.V.K. <i>et al.</i>	2018	Analisar um caso de TPA que chegou sem diagnóstico prévio ao Hospital Psiquiátrico	Estudo de caso em uma enfermaria do Hospital Psiquiátrico	O paciente preenche critérios diagnósticos de TPA por conta da sua incapacidade de se adaptar às normas sociais.
HERRERA-GÓMEZ, A.L.	2017	Refletir sobre o papel da sociedade na prevenção, inclusão e tratamento de pacientes com TPA.	Pesquisa bibliográfica	O conhecimento do TPA na sociedade subsidiaria melhorias para prevenção, o diagnóstico e o atendimento integral.
CONSOLI, C.G.	2017	Identificar elementos que predisõem um indivíduo ao comportamento antissocial.	Pesquisa Bibliográfica	Fatores biológicos e ambientais podem influenciar, de maneira negativa, o desenvolvimento do sujeito.
SOARES, V.M.S. <i>et al.</i>	2017	Descrever o TPA, com evidência em seu diagnóstico e alguns tipos de tratamento.	Pesquisa bibliográfica	O TPA se manifesta em graus distintos, que pode surgir na infância ou na adolescência e permanecer durante a vida adulta.
STEFANO, L.B.	2016	Analisar o contexto jurídico brasileiro e da saúde sobre pessoas com TPA	Pesquisa bibliográfica	O ordenamento jurídico deveria utilizar da escala PCL-R como forma de proteção social.
MORGADO, A.M. <i>et al.</i>	2016	Estudar as relações entre comportamento antissocial e características numa amostra ocasional de 489 adolescentes	Aplicação de escalas e inventários	Diferenças significativas entre os sexos.
SCARPARO, M.O.	2016	Investigar o comportamento social de adolescentes através de comparações de suas habilidades com grupo de controle.	Avaliação de adolescentes, com aplicação de inventários, escalas e questionários. (Dissertação de mestrado)	Os adolescentes vítimas de maus-tratos apresentaram maior intensidade de traços psicopáticos e mais déficits de habilidades sociais.
SILVA, C.Y.G.S.; MILANI, R.G.	2015	Refletir sobre a tendência antissocial no adolescente/jovem, por meio da análise do conteúdo de letras de músicas, como o Rap.	Análise de Conteúdo de letras de músicas brasileiras de Rap	Encontraram-se três categorias: a falha ambiental como princípio para a tendência antissocial, e essa enquanto esperança de reparação, e o rap para além da música.

SILVEIRA, K.S.S. et al.	2015	Estudar elementos que possibilitem diferenciar os comportamentos antissociais transitórios dos persistentes.	Pesquisa bibliográfica	Acredita-se que quanto mais cedo os comportamentos antissociais persistentes são identificados, maiores são as chances de sucesso nos tratamentos.
DIAS, C. et al.	2014	Avaliar autorreferências de condutas antissociais e delitivas em adolescentes	Aplicação de Escala de Condutas Antissociais e delitivas, análise descritiva e inferencial dos dados.	Foram encontradas diferenças significativas, para maior, nos meninos
VASCONCELOS, S.J.L. et al.	2014	Realizar uma revisão sistemática entre 1975 e 2013, sobre essa temática.	Pesquisa bibliográfica	Uso de métodos não convergentes sugerem que o TPA está relacionado a déficits no reconhecimento de emoções negativas.

Tabela 01: Síntese das relevantes características dos estudos retidos

Fonte: Próprio Autor, 2020.

Com base nos estudos selecionados, sugere-se que, quando os fatores de riscos surgirem apenas na adolescência, subsidia menores chances de desenvolver Transtorno de Personalidade Antissocial, haja vista que o tempo e duração dos fatores de riscos podem ser menores. Porém, isso não é regra, haja vista que deve-se considerar as variáveis envolvidas no processo (SILVEIRA, *et al.* 2015). Nesse contexto, e considerando os objetivos, as distintas variáveis e os achados, as categorias colocam que:

3.1 Comportamentos na infância e adolescência de sujeitos com transtorno de personalidade antissocial

Nessa categoria foram expostos estudos que descreve os tipos de padrões de comportamentos que estiveram presentes na infância e adolescência de pessoas com TPAS. O estudo de Silveira, *et al.* (2015) primeiro contextualiza que padrões de violação de normas sociais são comuns a diversos transtornos descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (APA, 2013), como exemplo tem-se Transtorno de Conduta (TC), do Transtorno Desafiador-Opositivo (TDO) e do Transtorno da Personalidade Antissocial (TPAS), que são denotados pelos comportamentos transgressores. Assim, esses comportamentos descritos e diagnosticados, quando não tratados subsidiam o desenvolvimento de outros Transtornos.

Assim, Dias (2014) complementa que de forma geral, comportamentos desviantes e antissociais são aquelas condutas de desvio às normas e expectativas sociais, como ações que rompem regras e acordos sociais sem que o comportamento, necessariamente, constitua-se como uma infração prevista por lei.

Com base nos estudos coletados, bem como nas prévias leituras, conota-se que existem evidências que comprovam que os traços e comportamentos antissociais nas

etapas iniciais do desenvolvimento, como infância e adolescência podem ser preditores de personalidade antissocial na vida adulta.

Hubner (2018) destaca que comportamentos que versam sobre agressão física, oposição, transgressão de regras, roubo e vandalismo podem ser observados no desenvolvimento comum e tendem a diminuir a frequência com o amadurecimento cerebral e a transição para a vida adulta, com base em intervenções mediadoras sobre essas ações. Porém, quando esses comportamentos se apresentam de forma persistente e intensa podem caracterizar diversos tipos de transtornos de conduta ou opositivo desafiador, que caso se estenderem, podem descrever critérios diagnósticos para um TPAS. Assim, as características marcantes de pessoas com o transtorno, como a falta de remorso após um delito, podem também estarem presentes na fase da adolescência.

Em estudos longitudinais, ou de coorte, constatou-se na infância e da adolescência comportamentos, que evoluíram para o fechamento do TPAS, como: maltratos a animais, brigas entre os pares, mentiras, gosto constante por trapacear durante as brincadeiras e jogos, agressões físicas e verbais, afinidades em realizar transgressões com os considerados mais frágeis, uso e abuso de drogas, que podem aparecer apenas na adolescência. Não obstante, todos esses comportamentos somados a um contexto socioemocional conflituoso, negligente são preditores de TPAS. Hubner (2018, p. 08) ainda expõe que “embora não haja citação na literatura de que Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) seja um diagnóstico diferencial para Transtorno de Personalidade antissocial, eles podem aparecer concomitantemente, como mencionado em alguns estudos longitudinais”.

Ressalta-se que o diagnóstico de TPAS é fechado quando não há deficiência mental, esquizofrenias e manias. Assim, como a construção da personalidade ocorre nos primeiros anos de vida, as emoções que envolvem sentimentos de culpa também são delineadas nesse momento. Dessa forma, a estrutura identitária está vinculada à criança e o adulto cuidador que é sua referência (CONSOLI, 2017). Foi revelado no que tange aos comportamentos nas referidas fases que, na adolescência, podem ser observados alguns comportamentos antissociais transitórios, como rebeldia, contos de mentiras, alterações comportamentais, impulsividade, que podem ser considerados como parte do desenvolvimento e da própria fase do adolescente ao serem comparados com comportamentos patológicos, como TC, TDO e TPAS observados em adultos. Sob esse contexto, esses comportamentos antissociais transitórios muitas vezes podem desaparecer quando os indivíduos chegam à fase adulta e podem estar relacionados com aspectos do processo de desenvolvimento durante a adolescência, como a necessidade de aceitação entre pares, necessidade de autoafirmação, novas responsabilidades, experimentar o novo e dificuldade de controlar impulsos devido a imaturidade de zonas cerebrais (SILVEIRA, *et al.* 2015).

Vale enfatizar que alguns estudos citam que problemas de externalização e antissociais podem estar presentes desde a infância, e que muitos padrões e estabilidade de comportamentos são adquiridos nessa fase, desde os primeiros anos de vida, podem ser

indicadores de comportamentos persistentes, necessitando de continuas observações nas causas e consequências dos comportamentos infantis (DIAS, 2014). Entretanto, padrões de comportamentos transgressores ou pró-sociais desde a infância podem ser alterados, considerando todas as outras variáveis da vida da criança ou do adolescente, como maus-tratos, negligência, abusos, bullying entre outros, considerando predisposições genéticas. Porém, quanto mais tempo o sujeito estar exposto a fatores de riscos mais probabilidade de sedimentar comportamentos antissociais terá.

Já Silva e Milani (2015, p. 10) coloca que comportamentos transgressores movimentam distintas figuras de autoridades existentes no meio da criança ou do adolescente para assim, “agirem no sentido de contê-lo externamente, auxiliando consequentemente no controle interno”. Assim, a criança e o adolescente com comportamento antissocial denota a busca por um reparo do contexto o qual está inserido acerca de sua privação em alguma instância da vida, em especial privações emocionais. Ademais, com base nos estudos selecionados os comportamentos desadaptativos são reflexos da intensidade e da forma das frustrações vivenciadas nas referidas fases. Estudar, analisar e intervir na primeira infância dos indivíduos e suas figuras parentais, configuram como subsídios para o não desenvolvimento de traços antissociais.

3.2 Tipos de tratamentos realizados na infância e adolescência

Na referida categoria foram incluídos estudos que confirmam que os tratamentos realizados durante a infância e ou adolescência frente a efetivação de padrões de comportamentos disruptivos, subsidiam a minimização de permanência destes, fazendo reparações, bem como denota a significância desses no não desenvolvimento de futuros transtornos na fase adulta. Nesse contexto, Scarparo (2016), em suas pesquisas coloca que um dos tratamentos mais sugestivos seria a psicoterapia nos casos de Transtornos de Comportamentos na infância ou adolescência-lembrando que existem distintos tipos de transtornos-. Nesse contexto, a psicoterapia também pode ser um facilitador para proporcionar a continuidade saudável do desenvolvimento socioemocional da criança e do adolescente, por meio de experiências e técnicas que possibilitem certa compreensão da realidade, integração da personalidade, mediar a baixa tolerância a frustrações, trabalhar as funções de autorregulação e as adaptações a ambientes. Vale ressaltar que pesquisas mostram que dependendo do comportamento e/ou transtorno da infância, como Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade-TDAH, Transtorno Opositivo Desafiador-TOD, e ou Transtornos de Conduta, o uso de fármacos aliada a terapia, subsidia melhoras nos comportamentos, relacionados a esses transtornos, que se não tratados podem evoluir para outros configurados como transtornos de personalidade (HERRERA-GOMEZ; 2017).

Dessa forma, vale ressaltar que a Intervenção medicamentosa também pode oferecer resultados positivos, embora não haja drogas específicas para o tratamento, de TPA, mas sim para as questões comportamentais que se apresentam anteriormente

(SOARES, 2017). Entretanto, com base nos estudos revisados coletou-se que a maioria das pessoas que desenvolveram o referido Transtorno, não tiveram oportunidades de realizar tratamentos durante a infância e adolescência, haja vista que os fatores de riscos, sobrepuseram os de proteção, em especial a negligência familiar. Relatos nos estudos colocam ainda que os sujeitos que tiveram contato com algum tipo de tratamento, foram os sujeitos que cumpriram algum tipo de medida socioeducativa, ou que ficaram por algum tempo resguardados da justiça, ou que passaram por abrigos, após quebra de vínculo familiar. Nesse caso, o tratamento como fator de proteção não foi suficiente para o não desenvolvimento do transtorno, que envolve outras variáveis, como pais alcoolistas, mães deprimidas. Todas essas variáveis devem ser trabalhadas nos tratamentos terapêuticos, para capacitar o sujeito a lidar com as intercorrências que poderão ocorrer na vida (SCARPARO, 2016).

Outro estudo, realizado na Europa coloca que as terapias para crianças e adolescentes que já apresentam comportamentos inadequados, devem ser embasadas no ensino e manejo acerca de valores e códigos de convivência social, com reforços positivos, manejo da raiva, terapias familiares. Assim, pode-se evitar a consolidação de um Transtorno de Personalidade Antissocial na vida adulta, porém, não é considerado regra (HERRERA-GOMEZ, 2017).

Reafirma-se com base na pesquisa que foram descritas intervenção comportamentais acerca do favorecimento no treinamento de habilidades socioemocionais e desenvolvimento de uma personalidade mais adaptável ao meio. Entretanto, os estudos e vislumbraamentos na área ainda são incipientes (SCARPARO, 2016).

Sob esse contexto, Soares (2017), coloca ainda que como as pessoas com Transtorno de Personalidade Antissocial, não apresentam de forma prévia e nem situacional, sintomas como depressão e alucinações, terminam não sendo levantadas hipóteses, e, por conseguinte não são encaminhados para tratamento. Os tratamentos são diversos, quanto mais precoce começados e quanto mais novo o paciente, mais satisfatórios serão os resultados, sendo relevante intervenções simultâneas e complementárias a longo prazo (SOARES, 2017).

3.3 Impacto dos fatores de riscos nas esferas subjacentes

Nessa categoria foram inclusos estudos que tratam do impacto dos fatores de riscos nos distintos âmbitos da vida do sujeito. Entretanto, Beck, et al. (2017) afirma que faz necessário dividir os fatores de riscos e seus conceitos. Dessa forma, estabelece-se uma distinção acerca dos fatores de riscos. Os mesmos podem ser divididos em estáticos e dinâmicos. Os fatores estáticos se configuram como aqueles imutáveis, tais como comportamentos disruptivos ou até criminais prévios. Os fatores de riscos dinâmicos são relacionados a aqueles que podem ser alterados, como exemplo uso de substâncias psicoativas, e amizades.

Assim, Silveira *et al.* (2015) colocou que para o desenvolvimento de comportamentos antissociais persistentes, existem aspectos relacionados a origem em déficits neuropsicológicos (funções cognitivas e executivas), predisposições genéticas, problemas neurológicos, que podem ter origem desde o período pré-natal, como má nutrição e/ou uso e abuso de substâncias psicoativas pela mãe durante a gestação. Dessa forma, os problemas neurológicos resultam em irritabilidade, déficits de atenção, presença de hiperatividade, impulsividade, dificuldades de aprendizagem ou alguma outra psicopatologia. Essas características, somadas a ambientes desfavoráveis, dotados de conflitos e maus-tratos, bem como problemas socioeconômicos, falta de apoio parental, pais negligentes, ausentes, permissivos, usuários de drogas, são os fatores de riscos que facilitam a origem de comportamentos antissociais na infância e sua persistência na fase adulta. Ademais, vale ressaltar que existem comportamentos antissociais limitados à adolescência, por sua vez, podem estar associados apenas ao desejo de obter bens materiais, status, necessidade de se autoafirmar, sentimento de pertença e a forte influência dos pares.

Ainda no aspecto neurobiológico, foram encontrados estudos que mostram que os lobos frontais possuem influência nos comportamentos dos sujeitos sociais e morais. Sob essa perspectiva neurobiológica cabe colocar com base nos achados clínicos que transtorno da personalidade antissocial é mais comumente encontrado em pessoas cujos parentes biológicos em primeiro grau também possuem o transtorno, em relação à população em geral, denotando o arcabouço acerca da predisposição genética. Além disso, parentes de pessoas com esse transtorno possuem mais chances de desenvolver comorbidades, como os relacionados à dependência de substâncias psicoativas, mais frequentemente identificado em homens, e à somatização, mais comum em mulheres (CONSOLI, 2017). O resultado do referido estudo revelou ainda que, "os indivíduos adotados, cujos pais biológicos possuíam vastos históricos criminais, acabaram por apresentar também um maior número de transgressões e condenações, é uma demonstração muito clara de que a herança genética do indivíduo o predispõe ao crime"(RAINE, 2015, p.07). Dessa forma, com base nas questões genéticas e neurobiológicas, os cuidados acerca dos fatores ambientais devem ser redobrados, os mesmos devem sobrepor os riscos, protegendo o sujeito de desenvolvimento de distintos tipos de transtornos comportamentais ou de personalidade (COELHO, *et al.*, 2020).

Ademais, a pesquisa proporcionou achados acerca de estudos longitudinais, com grupo controle em que investigou forte potencial de risco para entre a relação do diagnóstico de TPAS e a vivência de maus-tratos na infância, bem como scores baixos com relação ao desenvolvimento cognitivo, em que o Quociente de Inteligência-QI com escores mais baixos podem ser indicadores de comportamentos antissociais persistentes, que se prolongam para a vida adulta. O referido estudo denota ainda que não é regra acordar que pessoas com TPAS, são consideradas inteligentes, haja vista que existem variáveis acerca do conceito de inteligência (SCARPARO, 2016).

Outro fator de risco encontrado na pesquisa ainda acerca da relação desenvolvimento neurocognitivo e o TPAS na fase adulta, foi avaliação de déficits na expressão facial, falta de sensibilidade, empatia e reconhecimento de emoções primárias desde a infância (MORGADO; DIAS, 2016).

O TDAH, também foi delineado em alguns estudos como: quando presente desde a infância, também foi considerado como fator de risco para comportamentos antissociais na fase adulta, somada a outros riscos (VASCONCELLOS, *et al.* 2014). Assim, Silveira, *et al.* (2015), adicionou outro fator de risco como comportamentos sexuais prejudiciais, com generalidade de adoção de outros padrões de comportamentos arriscados. Nesse contexto, ele sintetizou a existência de evidências da relação de persistência dos comportamentos antissociais com variáveis pessoais na infância, considerando intrínseca nesse contexto os problemas de aprendizagem, psicopatologia, TDAH e baixo QI.

No que tange os aspectos contextuais acerca dos fatores de risco para o Transtorno, inclui-se violência familiar, negligência familiar, permissividade familiar e escolar, problemas escolares, falta de acompanhamento parental, abusos sexuais, uso e abuso de substâncias psicoativas por parte dos pais e/ou comunidade (SILVEIRA, *et al.*, 2015)

Questões emocionais conflituosas vivenciadas na infância e não reparadas, subsidia o encontro de efetivação de transgressões sociais, como formas de enfrentamento, precursor de comportamento antissocial. Esse contexto é proposto pelos estudos como processo que concebe quatro fases. A primeira fase é aprender um padrão de comportamento como produto de práticas parentais negativas durante a infância. A segunda fase é concernente ao período escolar, em que os padrões de comportamentos transgressores, disruptivos são generalizados a outros ambientes, como escola e a dificuldade de estabelecer relações satisfatórias para a aprendizagem de distintas habilidades sociais e conceituais. A terceira fase é a busca por pares os quais se identifica, para estabelecer sentimentos de aceitação e pertença social, ultrapassando o ambiente escolar. A quarta fase é estabelecida na fase adulta, com estabelecimento de comportamentos antissociais persistentes, já aqui elencados, tornando-se também comportamentos criminosos. Vale ressaltar que manifestação de comportamento antissocial na adolescência se movimenta de forma esporádica e persistente, necessitando de intervenções urgentes, com o fito de surgir novos interesses sociais produtivos (ESTEVEZ, 2018).

No que tange à família, a referida foi apontada nos estudos como fatores de riscos, na infância, em especial na adolescência, com adolescentes considerados à margem social. Figuras parentais fragilizadas, ambiente desfavorável, ausência da figura do pai, como subsídio estabelecedor e organizador do sujeito são elencados como fatores de riscos, somados a um outro dado mostrado em pesquisas “ser do sexo masculino, receber cuidados maternos e paternos inadequados, viver em meio à discórdia conjugal, ser criado por pais agressivos e violentos, ter mãe com problemas de saúde” (SILVA; MILANI, 2015, p.13).

Nas demais pesquisas ainda relacionadas à família, vislumbrou-se que a escola poderia ser um fator de proteção, pois evitaria esse jovem evadir-se, cometer delito e entrar em contato com drogas. Porém, as escolas desses perfis de família, muitas vezes não efetivam a educação além dos aspectos conceituais.

Contudo, Dias (2014) coloca que crianças e adolescentes, que possuem um nível socioeconômico baixo e serem do sexo masculino, possuem riscos para o desenvolvimento de comportamentos antissociais e futuro fechamento do diagnóstico do referido transtorno. No entanto, apesar de o baixo nível socioeconômico ser apontado como facilitador para a incidência dos comportamentos desviantes. Outros achados propuseram que, não é apenas esse construto social e educacional os responsáveis por tais condutas, haja vista que estas são apresentadas também por sujeitos que, teoricamente, são atendidos por estrutura e organização educacional, familiar econômica de grande apoio. Entretanto, esses podem sim desenvolver o transtorno com base em outras variáveis aqui já descritas, o que se percebe em tais perfis é ações que não são consideradas legalmente criminosas, em contrapartida os que possuem baixo nível socioeconômico terminam se envolvendo em ações delituosas, previstas por leis, com base em suas necessidades econômicas e a comunidade vigente.

3.4 Fatores de proteção na infância e adolescência

Os comportamentos antissociais podem estar presentes apenas em uma das fases, ou nas duas fases: infância e da adolescência. Nesse contexto, em especial, a fase da adolescência, é dotada de inúmeras transformações biopsicossociais que ocorrem devido, à falta de amadurecimento do córtex pré-frontal: área responsável por avaliar situações, tomar decisões, controlar emoções e comportamentos, e pelas características do contexto sociohistórico, familiar e cultural. Uma fase transitória e significativa ao desenvolvimento do sujeito, na qual ele testa seus próprios limites, através dos comportamentos, em busca de novas experiências, emoções que levam a sentimentos de prazer e desprazer (recompensas e dores), que pode favorecer o desenvolvimento da autonomia ou práticas delituosas. Dessa forma, e por serem fases distintas, com suas próprias peculiaridades, necessita-se de significativos fatores de proteção para minimizar ocorrência de comportamentos disruptivos (REMY, 2018).

Os fatores de proteção versam de forma geral em um desenvolvimento socioemocional e sociocultural saudável. Os estudos coletados colocam a escola como um representante fator de proteção. Uma escola em que garanta o bem-estar do sujeito em seu ambiente, que consiga perceber o aluno como ser biopsicossocial. Uma escola que efetive uma proteção perante condutas inadaptáveis, com práticas educacionais de qualidade através de vivências, preparar para um aprendizado que não exclui erros e momentos frustrantes (SÓ, 2018). Ademais, embora já aqui elencado sobre os tratamentos para o não desenvolvimento de TPA, elencou-se que os que não perpassam por tratamentos, podem desenvolver os referidos. Dessa forma, vale ressaltar que tratamento terapêutico,

se configuram como fator de proteção, pois podem favorecer a emergência e elaboração de novos espaços de pensamentos e reflexões, com base na relação de confiança que de forma gradativa se estabelece entre paciente e profissional (CHAZAN, 2018).

Contudo, Morgado (2016), coloca que trabalhar na fase da infância e da adolescência o altruísmo, simpatia e respeito pelos outros é fator de proteção na prevenção de trajetórias antissociais. Efetivamente, um autoconceito positivo tem sido associado a fatores que protegem o sujeito de se envolver em transgressões enquanto o autoconceito negativo tem vindo a revelar associações com agressão e delinquência. Pensar em fatores de proteção, é pensar em distintas variáveis, que envolvem tempo, forma e fase em que estão sendo efetivados. Ademais, esses devem sobrepor aos fatores de riscos para o não desenvolvimento de Transtorno de Personalidade Antissocial, em especial, se existirem predisposições genéticas.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As principais conclusões do estudo denotaram que cada sujeito vivencia distintamente situações estressoras, sendo determinado o impacto. Os fatores de proteção buscam ir ao encontro do impacto dos riscos para proporcionar formas de resoluções das vivências diárias, minimizando as possibilidades de desenvolvimento de transtornos. Ademais, não é apenas um fator de risco que irá determinar a ocorrência futura do Transtorno. Faz-se necessário uma gama de considerações para que se proponha tal diagnóstico. De fato, os riscos são evidenciados pela literatura científica, que são critérios para um olhar apurado para intervenções sobre aspectos negativos durante a infância e adolescência, minimizando assim a ocorrência ou a probabilidade da ocorrência. Em linhas gerais, qualquer forma de comportamento considerado transgressor na infância e na adolescência devem ser investigadas as causas e ocorrer intervenções para assim, evitar a permanência desses comportamentos na fase adulta, se instalando ou não um diagnóstico na fase adulta, o cuidado e a prevenção devem ser constante nas crianças e adolescentes. Percebeu-se que não existe uma regra e nem absolutismo quando se trata de desenvolvimento humano e a relação com os comportamentos. O que existe são padrões de comportamentos, riscos e variáveis para se propor tratamentos precoces, evitando assim o fechamento do diagnóstico de Transtorno de Personalidade Antissocial, e ou outros dentro do referido grupo.

REFERÊNCIAS

AKOBENG, A. K. In: KOLLER, S. H. *et al.* **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-V. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

BECK, A.T. et al. **Terapia Cognitiva dos transtornos da personalidade**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

CHALUB, M. et al. **Psiquiatria Forense de Taborda**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2015.

CHAZAN, C. Da crise adolescente ao adolescente em crise aguda. In: CHAZAN, C; SÓ, L. **Vida Adolescente: Perspectivas de Compreensão**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap.3. p. 37-53.

COELHO, I. C. et al. Fatores de risco de comportamento antissocial em crianças: comparação entre rapazes e garotas. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 37, p. 01-12, jan. 2020. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-166X2020000100701&lng=en&nrm=iso&tling=pt. Acesso em: 14 out. 2020.

CONSOLI, C.G. Predisposição ao comportamento antissocial: da negligência na gestação à desvinculação afetiva na primeira infância. Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017. Disponível em: www.pucrs.br. Acesso em 14 out. 2020.

DELLECAVE, M. R.; BARBOZA, C. S.; CALDERON, P. A. Fatores de Risco e Proteção para a Prática do Ato Infracional: Percepção do Adolescente e da Família. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**. Santa Catarina, n.17, p. 23-29, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17921/2176-5626.n17p23-29>. Acesso em: 15 out. 2019

DIAS, C. et al.; Comportamentos antissociais e delitivos em adolescentes. **Revista Interdisciplinar de Psicologia e Promoção da Saúde**. Canoas, n. 45, p. 101-113, set-dez, 2014. Disponível em: www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/3253. Acesso em: 14 out. 2020.

ESTEVES, G. G. L. et al. Caracterização de Fatores de Risco para o Comportamento Criminal em Detentos. **Psico-USF**, Campinas, v. 23, n. 4, p. 719-730, dez. 2018. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712018000400012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

HERRERA-GÓMEZ, A. L. Uma reflexão sobre o trabalho social com pacientes vítimas do transtorno de personalidade antissocial. *Universidade Industrial de Santander*. Colômbia, v. 20, n.3, p. 368-373, mar. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.29375/01237047.3249>. Acesso em: 11 out. 2020.

HUBNER, C.V.K. et al. Transtorno de personalidade em paciente jovem. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**. Sorocaba, v. 21, n. 2, p. 92-94. Disponível em: <http://doi.org/10.23925/1984-4840.2019v21i2a10>. Acesso em: 10 out. 2020.

KOLLER, S.H. et al. **Manual de Produção Científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.

MECLER, K. **Psicopatas do Cotidiano: como reconhecer, como conviver, como se proteger**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.

MORGADO, A. M.; DIAS, M. da L. V. Comportamento antissocial na adolescência: o papel de características individuais num fenômeno social. **Psic., Saúde & Doenças**. Lisboa, v. 17, n. 1, p. 15-22, abr. 2016. Disponível em: www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862016000100003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

POLETTI, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.25, n.3, p.405-416, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a09v25n3.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2019.

RAINE, A. **A Anatomia da Violência**: as raízes biológicas da criminalidade. Tradução de: Maiza Ritomy Ite. Porto Alegre: Artmed, 2015.

REMY, L.S. et al. A adolescência e o uso de drogas: compreensão e intervenções para uma abordagem integrativa. In: CHAZAN, C; SÓ, L. **Vida Adolescente**: Perspectivas de Compreensão. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap. 11. p. 165-184.

SCARPARO, M. O. Comportamento social e volume de substância branca cerebral em adolescentes vítimas de maus tratos. 2016. Dissertação (Mestrado em Fisiopatologia Experimental) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: doi:10.11606/D.5.2016.tde-04082016-160853. Acesso em: 14 out.2020.

SILVA, C. Y. G. da; MILANI, R. G. Adolescência e Tendência Antissocial: o Rap como Expressão de uma Privação Emocional. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 35, n. 2, p. 374-388, jun. 2015. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200374&Ing=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 out. 2020.

SILVEIRA, K.S.S. *et al.*; Correlatos dos comportamentos antissociais limitados à adolescência e dos comportamentos antissociais persistentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 20, n. 3 p. 425-436, 2015. Disponível em: www.psicolestud.v20i3.28100. Acesso em 14 out. 2020.

SOARES, V. M. S., et al. Transtorno de Personalidade Antissocial. **Psicologia E Saúde Em Debate**. Minas Gerais, v. 3, n. 1, p. 26-27, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22289/V3S1A12>. Acesso em: 14 out. 2020.

SÓ, L. As escolhas adolescentes. In: CHAZAN, C; SÓ, L. **Vida Adolescente**: Perspectivas de Compreensão. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. cap.2. p. 25-36

SZCZERBACKIL, N. *et al.* Fatores de risco envolvidos no desenvolvimento da psicopatia: uma atualização. **Revista Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, v. 17, n. 01, p. 09-13, 2012. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2012/v17n1/a2840.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2019.

VASCONCELLOS, S. J. L. *et al.* Psicopatia e Reconhecimento de Expressões Faciais de Emoções: Uma Revisão Sistemática. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 30, n. 2, p. 125-134, jun. 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aborto 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 176, 177, 267

Aconselhamento Psicológico 210, 211, 213

Adolescência 22, 32, 120, 124, 125, 136, 137, 208, 209, 236, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 264

Apagamento Lésbico 12, 13, 23, 24

Aspectos Psicológicos 65, 79, 130

Atendimento Psicológico 56, 58, 61, 64

Autoconhecimento 273, 281, 282, 290, 303, 309, 311, 312, 313

Autocuidado 67, 105, 165, 166, 178, 179, 182, 191, 192, 277, 278, 279, 280, 312, 313

Autolesão 26, 27, 28, 31, 34, 35, 36, 37

Avaliação Psicológica 127, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 145, 146, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 261

C

Compreensão Diagnóstica 74, 75, 82, 89, 90

Comunicação 57, 58, 61, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 112, 184, 186, 190, 191, 192, 193, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 212, 215, 217, 269, 271, 272, 273, 292, 317

Criminalidade 92, 93, 101, 119, 124, 252

D

Deficiência Intelectual 184, 187, 188, 189, 190, 193, 196

Depressão 2, 3, 17, 26, 27, 28, 31, 32, 36, 37, 59, 70, 104, 124, 131, 135, 180, 204, 246, 256, 287, 289, 315

Desamparo 21, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 53, 54, 55, 122

Diagnóstico 26, 27, 66, 69, 74, 75, 76, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 89, 90, 143, 160, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 176, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 194, 195, 236, 238, 239, 242, 243, 244, 247, 249, 250, 252, 315

Direitos Humanos 68, 92, 121

E

Entrevista Clínica 263, 264, 265

Estruturas Clínicas 1

Existencialismo 92, 98, 221, 222, 235, 286

F

Família 8, 12, 18, 21, 22, 23, 41, 50, 65, 70, 71, 82, 97, 103, 104, 110, 111, 120, 154, 166, 169, 170, 174, 175, 176, 177, 180, 183, 184, 192, 193, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 212, 223, 227, 228, 230, 248, 249, 251, 264, 265, 266, 268, 269, 270, 272, 273, 275, 287, 302, 308, 311

G

Genograma 263, 266, 267, 268, 269, 270

Gestação 119, 122, 124, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 183, 247, 251

Gestalt-Terapia 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 89, 90, 91

Grupo de Apoio 103, 105, 106, 107, 109, 113

H

Heteronormatividade 12, 13, 15, 16, 17, 20, 22, 24, 95

Heterossexualidade Compulsória 12, 13, 15, 16, 25

Hierarquia Familiar 197

I

Infâncias 221, 224, 226, 227, 232

L

Lesbianidade 12, 14, 16, 20, 21, 23, 24

M

Materialismo Histórico-Dialético 214, 215, 216

Modelo Relacional-Sistêmico 263, 264, 265, 273

Mudança 9, 56, 58, 59, 61, 62, 82, 86, 95, 97, 109, 134, 140, 197, 198, 200, 212, 222, 257, 263, 264, 269, 271, 290, 301, 306, 311, 312

N

Neuropsicologia 184, 193, 194, 195, 220

Novas Tecnologias 56, 61, 62, 63

P

Pandemia 39, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 52, 53, 54

Patriarcado 12, 13, 16, 17, 19, 20, 23, 24, 25, 50

Personalidades Fílmicas 1, 5, 9

Política 13, 15, 20, 21, 22, 24, 39, 42, 43, 50, 51, 52, 53, 54, 68, 69, 73, 79, 96, 104, 105, 109, 114, 180, 218, 283, 285, 317

População em Situação de Rua 103, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114, 115
Porte de Armas 97, 102, 138, 139, 140, 154
Princípios Éticos 63, 65, 66, 68
Psicanálise 9, 10, 11, 12, 14, 16, 25, 26, 27, 33, 38, 39, 42, 46, 48, 51, 53, 59, 64, 75, 150, 286, 318
Psicofarmacologia 184
Psicologia Escolar e Educacional 214, 215, 218
Psicopatologia 18, 26, 27, 28, 31, 37, 72, 83, 90, 247, 248
Psicoterapia Online 56, 58, 59, 60, 61, 62
Pulsão de Morte 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 11, 44, 45

Q

Qualidade de Vida 68, 104, 129, 135, 166, 179, 184, 191, 192, 193, 195, 213, 260, 303, 304, 306, 307, 308, 309, 312, 315, 316

R

Reabilitação 94, 184, 187, 191, 192, 193, 195, 210, 211, 316, 317
Regulação Emocional 253, 256, 257, 258, 260, 262
Relação Médico-Paciente 65, 66, 67, 68, 69
Resiliência 277, 278, 279, 280

S

Saúde 13, 21, 24, 28, 32, 34, 41, 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 58, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 84, 99, 103, 104, 105, 106, 112, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 132, 136, 137, 139, 142, 156, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 185, 189, 191, 192, 193, 196, 208, 210, 211, 212, 213, 230, 239, 242, 248, 251, 252, 253, 257, 260, 261, 265, 282, 288, 303, 304, 305, 307, 308, 312, 314, 316, 317
Supereu 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 17, 25

T

Telemedicina 65, 72
Transtornos do Neurodesenvolvimento 214, 218

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Psicologia: A Ciência do Bem-Estar



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021